

A pandemia de COVID-19 e a questão ambiental *The COVID-19 pandemic and the environmental issue*

Suane Felipe Soares^a
Gabriela Bertti da Rocha Pinto^b

Resumo

O presente artigo analisa a pandemia da COVID-19 em seus aspectos políticos e sociais para refletir sobre os seus impactos ambientais. Para tal, apresenta uma contextualização ética elencando alguns elementos fundamentais da degradação ambiental e relacionando o especismo e outros sistemas de opressão com a construção de um imaginário pandêmico latente que infelizmente não foi suficiente para alterar a forma como a humanidade conduz sua fase na Terra. Além disso, são destacadas algumas questões relativas ao impacto do antropoceno na construção cultural e política da ideia de humanidade e na forma como as relações especistas e superficiais determinam a exploração animal e a alienação humana.

Palavras-chave: antropoceno; COVID-19; pandemia; especismo; meio ambiente.

Abstract

This article analyzes the COVID-19 pandemic in its political and social aspects to reflect on its environmental impacts. To this end, it presents an ethical context listing some fundamental elements of environmental degradation and relating speciesism and other systems of oppression with the construction of a latent pandemic imagery that unfortunately was not enough to change the way humanity conducts its phase on Earth. In addition, some issues are highlighted regarding the impact of the anthropocene on the cultural and political construction of the idea of humanity and on the way speciesist and superficial relations determine animal exploitation and human alienation.

Keywords: anthropocene; COVID-19; pandemic; speciesism; environment.

^a Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva

^b Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva



Introdução

A pandemia da COVID-19 é um fenômeno recente que abrange os últimos meses, mais especificamente, o primeiro caso de um humano contaminado foi reportado em Wuhan, China, no dia 31 de dezembro de 2019. O que significa que estamos há aproximadamente seis meses lidando mundialmente com a nova doença. Em aspectos práticos, o isolamento social e outras medidas de contenção do vírus a nível global foram adotadas gradativamente em cada região. No Brasil, a quarentena, ou o isolamento social horizontal, só foi adotado de fato a partir de meados de março. Os estudos científicos recentes só puderam ser feitos mediante as restrições de circulação e contato próprias do contexto, assim, a produção científica e estatística tem se adaptado para outros modelos que não o campo em si. Diante dessa situação boa parte do que está disponível para acesso virtual são informações de fontes jornalísticas já que a produção do conhecimento em universidades e outros espaços está comprometida. Portanto, as fontes primárias utilizadas para a confecção do presente estudo são, em sua maioria, provenientes de jornais e outras mídias digitais.

Velho modelo, novo contexto

Precisamos manter a atenção ao fato de que a repercussão global acerca das ações individuais, industriais e governamentais se altera em função da proporção do impacto ambiental. Isso não quer dizer, porém, que o nível individual seja irrelevante, mas que o processo de construção de uma consciência coletiva é societário. Cada qual em sua medida, contribuímos para a transformação do planeta e para a manutenção de ideais de vida, valores e metas que são mais ou menos correspondentes com o mundo que buscamos/vivemos.

A importância do poder dos governos está em evidência no momento da pandemia. Sabe-se que cada país, estado e cidade escolheu adotar suas próprias medidas de contenção do vírus e que tais medidas estão sendo responsáveis pelo aumento ou pela diminuição dos números de mortes e pela propagação ou contenção da doença. Vamos adentrar um pouco mais o tema a seguir, mas, basicamente, a COVID-19 não é uma doença que acomete outras espécies, pelo menos ainda não há uma situação de surto pandêmico para outras espécies, apenas para a espécie humana.

A forma com que a moralidade interfere nas decisões sobre a metodologia e os objetivos dos governos é fundamental. Uma pandemia que afeta exclusivamente a humanidade é encarada com métodos focados na contenção da doença em consonância com a preservação da própria humanidade. A contenção da pandemia tem um fim em si mesmo, salvar a humanidade, ou seja, os indivíduos adoecidos e os que ainda não se contaminaram. Contudo, não há uma preocupação horizontal com a contenção das mortes entre humanos. Isso quer dizer que determinantes de raça, classe, sexo, idade, regionalidade, nacionalidade entre outros estão sendo definidores para determinar o rumo de uma vida, sempre foram. Era de se esperar, afinal, são os mesmos modelos, diante de um novo problema.

Sabemos que cometer chacinas sempre foi uma metodologia muito apreciada por humanos em espaços de poder, para fins diversos, sejam poderes locais ou estruturais. Podemos talvez afirmar que o modelo de política “matar e deixar morrer” é também uma forma de chacina, difere-se da chacina em seu modelo clássico, pois trata-se de um extermínio que não necessariamente puxa o gatilho, mas que move uma complexa estrutura buscando garantir as hierarquias sociais. Segundo Silva, Santos e Ramos (2019):

[...] partimos da ideia de que as chacinas são uma expressão radical da violência letal como recurso político de controle social, ou seja, os assassinatos múltiplos são comumente utilizados como uma demonstração pública de poder, utilizado tanto por organizações criminosas como por agentes públicos, principalmente em contexto de instabilidade institucional ou de disputa por territórios e mercados.

[...]

Nesse sentido, a palavra chacina é o que os antropólogos denominam como uma categoria nativa (ou êmica), ou seja, ela opera no mundo prático e seu significado tem um valor histórico para determinadas sociedades ou grupos sociais (Guimarães, 2003).¹

As chacinas contra humanos são parte de sistemas de dominação variados como o capitalismo, o racismo, o patriarcado e assim por diante. Estão diretamente relacionadas com a forma que o mundo se organiza porque o antropoceno, essa era geológica que vivemos, é marcado justamente pela interferência humana, pelas marcas deixadas por sociedades humanas para a posteridade. Tais marcas representam, assim como as estruturas de poder que circunscrevem as relações humanas, as relações entre diferentes espécies, e, mais especificamente, entre a espécie humana e todas as demais.

As chacinas contra outras espécies são fruto do especismo^c e ocorrem cotidianamente já que milhares de animais de outras espécies^d são assassinados para que seus corpos sirvam de limiar entre direitos humanos (ou de certos humanos) e ausência de direitos de outras espécies. E, talvez, esse seja o complexo conceito de chacina em outras espécies. Se a chacina é um recurso político de controle social, e funciona como demonstração de poder para indicar disputas de territórios, estamos tratando de um mundo em que a chacina de outras espécies existe em função dessa demanda por comprovação da suposta superioridade humana.

O assassinato em massa é uma forma de desqualificar corpos, desqualificar existências e, em contrapartida, enaltecer outros corpos e existências. Os corpos massivamente assassinados de animais de outras espécies representam, principalmente para os humanos, mas não só para eles, a comprovação empírica da superioridade dessa espécie. O tema é mais complexo, mas, basicamente, a chacina é um assassinato em massa com fins coercitivos. O assassinato em massa de bovinos para a indústria da carne – ainda que seja moralmente justificado entre humanos baseados em argumentos especistas – não é em si uma chacina. A chacina requer que o assassinato em massa tenha um fim em si mesmo, um corpo chacinado não serve de matéria-prima para uma indústria. O que nos leva a pensar que o assassinato para a indústria da carne, como ocorre em escala global, precisa de outro nome.

Podemos chamar de chacina quando algum vírus de potencial pandêmico é encontrado em animais de outras espécies confinados para exploração industrial e estes animais infectados são assassinados, tal qual costuma ocorrer para conter gripes aviárias (H5N1), suínas (H1N1) etc. Só em 2020, China e Vietnã assassinaram 22 mil e 20 mil aves, respectivamente, para conter um surto de Influenza Aviária.^{2,3} São medidas de contenção dessas crises para que elas não sejam motivo de preocupação, sanitária ou de saúde, para os humanos e não atrapalhem a nossa presença crescente e massiva na Terra. Esses seres são nascidos e crescidos com destino traçado^e: serão assassinados para a indústria da carne quando atingirem a idade e o peso certos.

^c O especismo é um termo que busca definir um sistema estrutural de poder que é baseado na verticalização das relações. Mais do que uma discriminação de outras espécies, o especismo é a construção de valores hierárquicos.

^d Na literatura vigora o termo animais não-humanos com intuito de destacar o fato de que nós humanos também somos animais. Parece mais indicado sustentar que somos animais de diversas espécies e que os humanos são só mais uma dentre as muitas espécies e não a espécie modelo. Assim, afirmar que os outros animais não são humanos parece um termo bem-intencionado, mas antropocêntrico.

^e Frutos de estupro sistemáticos, de manipulações genéticas, crescendo sem qualquer autonomia sobre suas vidas e destinos é difícil afirmar que esses sejam seres que nasceram, porque o conceito de nascimento ainda que

Entretanto, somos capazes de imaginar o que aconteceria se, a cada ano, todos os países tomassem medidas emergenciais para salvar as vidas desses seres infectados ou potencialmente infectados? Somos capazes de imaginar que a sociedade como a conhecemos não existiria se esses seres não fossem sistematicamente assassinados, desde 1997, quando a H5N1 foi descoberta manifestada em humanos?

As perguntas têm um sentido mais amplo. Apesar de algumas pessoas acreditarem que se alimentam de outras espécies por uma necessidade fisiológica, será que se os dados fossem divulgados de forma correlacionada, a opinião pública sobre essas mortes seria a mesma? A alienação que fragmenta as informações e esconde os elos simples que conectam o surgimento de doenças, o consumo de carne, o encarceramento de aves e outros efeitos colaterais é propositadamente sustentada, todos os dias, por meio de notícias que transformam dados simples em informações turvas; por meio de pequenas alterações no vocabulário, na estrutura da frase, na forma de divulgação; e assim por diante.

O Brasil é o maior produtor carne de aves no mundo. Isso quer dizer que esse mercado movimento uma quantidade muito grande de trabalhadores diretamente conectados com o processo de abate, avanços no campo da zootecnia e assim por diante. Não podemos mais, enquanto defensores dos animais de todas as espécies, sustentar acriticamente o argumento supracitado sobre a ignorância da população como fundamento para a convivência com o consumo dessas aves. É certo que a sociedade é alienada quanto ao processo produtivo dessa carne, mas isso não quer dizer que possamos ignorar o fato generalizado de que essas são vidas criadas para esse fim. Parte significativa da classe trabalhadora brasileira está empregada nesse setor. Ignorar isso só afasta o debate dessas pessoas. A sensibilização por meio da ideia de que algumas pessoas desconhecem o que ocorre em um abatedouro é útil, mas tem limites argumentativos simples. A aproximação com essa parcela da sociedade do discurso pró-animais precisa ser conduzida por outras vias.

Parece extremamente fácil sustentar “o abate” de mais de 40 mil aves para evitar que a humanidade seja contaminada por uma doença altamente letal, mas não parece razoável, assumir que trata-se de uma chacina. Desse modo, protocolos internacionais chamados de “saúde” são adotados periodicamente para aniquilar

involuntário ainda pressupõe algum tipo de conexão do recém-nascido com o entorno, mas quando a objetificação ocorre desde o ovo parece mais coerente afirmar que foram nascidos à revelia de suas vontades.

grupos inteiros de seres contaminados ou expostos aos vírus, em diversas fazendas e indústrias.

Sem contaminação, mas com prejuízos: a pandemia e outras espécies

A pandemia do Sars-Cov-2 empurrou o planeta, que involuntariamente orbita em torno da humanidade, para novas configurações. Uma delas é a questão da adoção x abandono de animais chamados domésticos. Apesar das investigações ainda serem insuficientes, sabe-se que alguns animais apresentaram o vírus em seus organismos, sintomas da doença e os testes indicam que eles podem ter contraído o vírus de humanos. Isso não quer dizer, porém, que o vírus seja transmissível de humanos para animais, de animais para animais e, tampouco, de animais para humanos.

A literatura ainda é escassa, mas indica que algumas espécies animais, em especial felídeos, podem ocasionalmente ser infectados por SARS-CoV-2,5-10 embora a transmissão homem-gato pareça ser um evento difícil de ocorrer em condições naturais.

[...]

Dada a magnitude da COVID-19 em humanos, a falta de qualquer caso documentando de COVID-19 sendo transmitido de gatos para humanos deve prover o conforto necessário de que nossos amigos felinos não são fatores de propagação viral para humanos. Como não há suporte epidemiológico que justifique inclusão de gatos na cadeia de transmissão do vírus, no momento o risco é tido como nulo.⁴

De toda forma, por enquanto, não foram identificadas transmissões em escala pandêmica entre espécies humana x domésticas. A COVID-19 é um problema de saúde humana. Apesar das diversas notícias e estudos em andamento apontando a ausência de risco e explicando que, na pior das hipóteses, animais domésticos podem contrair a doença, mas não podem contaminar humanos, pudemos observar cenários distintos em cada região, em países como Brasil, por exemplo, aumentaram drasticamente os relatos de abandono de cães e gatos por parte de famílias humanas que optam pelo abandono por “precaução”.^{5,6,7} Um dos perigos é a onda de abandono em massa de animais como cães, gatos e pássaros que pode resultar em agravos como atropelamentos, episódios de maus tratos, ataques de animais famintos e estressados, surgimento de zoonoses como raiva, leishmaniose e esporotricose etc.⁸ Além da superlotação dos centros de acolhimento e as denúncias de maus-tratos. Muitos centros são Organizações da Sociedade Civil (OSC) e sobrevivem de doações. Com a crise, as pessoas diminuíram as doações e os centros estão enfrentando

muitas necessidades. Os problemas são diversos: algumas pararam de doar; outras começaram a abandonar os animais (por medo ou por falta de recursos); funcionários/voluntários dos centros podem adoecer e terem que ser afastados; com isolamento social, provavelmente, diminuem também as oportunidades de recrutarem voluntários; a diminuição da renda dos espaços; interrupção das ações de arrecadação; diminuição das feiras de adoção; dentre outros problemas.^{9, 10,11,12,13}

A situação das espécies que foram noticiadas como possíveis de contraírem e/ou transmitirem a COVID-19 (cães, gatos, pangolins, morcegos etc.), tratando-se ou não de uma informação verídica pode ser grave. Provavelmente, estão sendo perseguidas, caçadas, expulsas e assassinadas como forma de contenção da doença por governos, iniciativas locais, regionais ou individuais.

Apesar do aviso dado pela ciência, sobre os problemas relacionados ao hábito de se consumir animais silvestres, a corda continua arrebatando no lado mais fraco e sempre há o perigo de se culpabilizar os possíveis hospedeiros do novo coronavírus. O que já acontece em alguns países, como o Peru, onde grupos de pessoas têm matado morcegos, por considerá-los transmissores da doença (ALCÂNTARA,2020). Isso se assemelha ao vivenciado no Brasil, em 2016, quando de um grande surto de febre amarela, em que primatas foram vítimas de agressões e maus tratos intencionais de pessoas devido ao pânico gerado, bem como pela falta de informação sobre a transmissão da doença (VALE&PREZOTO,2017).¹⁴

Ou seja, ao invés de estarem recebendo – quando e se necessário – o tratamento contra o vírus, tais espécies estão sofrendo perseguição humana direcionada. As mortes desses seres devem estar muito mais frequentes. Infelizmente existem poucos dados disponíveis sobre isso porque provavelmente não é um assunto de grande interesse público. Abandonados, perseguidos e por fim assassinados, esses animais estão sem serventia, estorvando e ameaçando a sagrada humanidade. Porque o status de doente, adoecido em função de um vírus é de difícil alcance. Normalmente o que está disponível para populações subalternas – de todas as espécies, inclusive humana – é o status de ameaça, de perigo, de infestação.

Em países como os Estados Unidos, o efeito foi inverso. Os centros de acolhimento em alguns estados noticiaram que os estabelecimentos não seriam considerados de necessidade básica e, com isso, os animais ali abrigados ficariam sem possibilidades de cuidados. Foi lançada uma campanha muito bem-sucedida

para serem providenciados lares temporários e intensificadas as adoções. Os abrigos ficaram vazios e fecharam as portas durante a pandemia.^{15,16} Resta saber, se essas são adoções que gerarão estabilidade para esses animais ou se em alguns meses estarão todos de volta aos abrigos ou às ruas.

Por outro lado, no mundo inteiro, a recessão econômica gerou a liquidação da produção. Sempre que ocorre algum tipo de diminuição de consumo repentina essa é uma medida padrão. Abatedouros e granjas do mundo todo estão matando seus animais para evitar prejuízos maiores em função da baixa do consumo da população. A diferença, porém, é que esses animais são assassinados, mas seus corpos não serão utilizados para nenhum fim. Nesses casos, podemos dizer que essas são também chacinas. O que significa, afinal, assassinar milhões de animais para evitar um colapso industrial?¹⁷

Pandemia no e do antropoceno: o mundo sem humanos, quem quer isso mesmo?



Figura 1: A praia de Magoito, em Sintra, Portugal. Foto: Renata Scafuro.¹⁸

#ParaCegoVer: A foto artística mostra uma vista do alto e distante da praia de Magoito, em Sintra, Portugal. A foto é em preto e branco, apresenta uma faixa longa de areia completamente vazia com o mar forte e algumas rochas. Na areia, uma mãe e uma criança caminham, durante a quarentena, deixando o rastro de ambas como as únicas marcas humanas na praia.

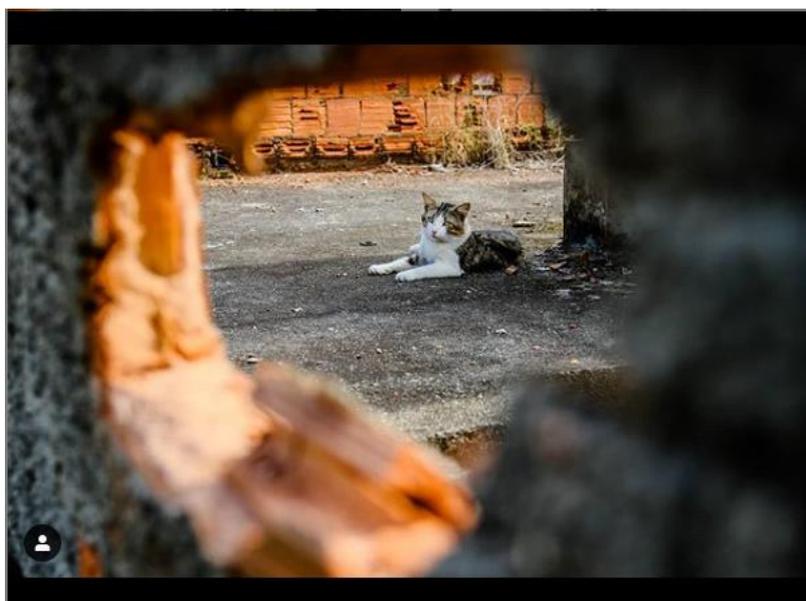


Figura 2: Gato ou gata no Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brasil. Foto: Bruno Itan.¹⁹

#ParaCegoVer: A foto artística apresenta uma gata ou um gato branco com manto tigrado deitado, de cabeça erguida, olhando para a direção de quem fotografa, em uma esquina pouco habitada no Complexo do Alemão. A foto foi feita por uma fenda na parede transversal que emoldura a imagem do felino.

São muitos os relatos, vídeos, reportagens e outras notícias circulando nas últimas semanas mostrando que animais de outras espécies estão sendo avistados em espaços que antes não frequentavam. Em diversas partes do mundo, elefantes, crocodilos, golfinhos ou capivaras estão transitando livremente em lugares que meses atrás eram ocupados, vinte quatro horas por dia, com intenso tráfego de veículos, pessoas, luzes, sons e todo tipo de poluição. É evidente que esses ambientes estão e sempre estiveram em disputa. Entretanto, não podemos ignorar a complexidade do que a crise significa para essas espécies silvestres.^{20,21,22,23,24,25}

Observar animais entrando em espaços urbanos é algo a se tratar com a devida atenção, para além da estranheza costumeira e do compartilhamento de vídeos em redes sociais, precisamos avaliar que esses animais possivelmente estão famintos, avassalados diante da desestruturação do ambiente que antes viviam ou até mesmo perdidos. A presença x ausência dos humanos altera significativamente os hábitos de vida das outras espécies em seus ambientes naturais. Isso não quer dizer que estão piores agora do que antes, porém, nem que estão melhores.

Em artigo recente publicado na revista de biologia cultural, A Bruxa, Da-Silva e Coelho discutem diversos desses relatos identificando que, em sua maioria, os animais como macacos, cervos, pumas e outros estão em busca de alimento, uma vez que a ausência de turistas ou de atividade humana em determinadas regiões modificaram seus ciclos alimentares. Outros especialistas^{26,27} afirmam que, independente da pandemia, tais animais já circularam por esses espaços e que a mudança da cor da água ou da presença de humanos fez com que eles fossem mais audaciosos.

O Diário de Pernambuco, assim como muitos jornais regionais, publicou algumas reportagens explicando que animais de outras espécies começaram a ocupar os espaços urbanos que antes eram estritamente de uso humano ou apenas decorativos. No dia 29 de abril de 2020,²⁸ noticiaram um grupo de capivaras transitando e ocupando a beira do rio Capibaribe, na Ilha do Leite. Moradores



explicaram que as capivaras chegam ao local por volta das 21h e por lá ficam caminhando pelo jardim ornamental e pastando as poucas plantas que encontram. Os comentários nas redes sociais são de pessoas achando a presença dos animais algo muito bonito, fofo e surpreendente a beleza dos animais, a diversidade da natureza e assim por diante. Entretanto, será que essas pessoas entendem, em termos ecológicos, o que significa implementar um jardim como esse, retratado abaixo, na margem de um rio?

Figura 4: Capivaras às margens do Rio Capibaribe. Foto: Internet/Reprodução.²⁹

#ParaCegoVer: A foto mostra oito capivaras à beira do rio Capibaribe pastando e andando em cima do jardim planejado com pedras, grama curta, uma trilha de plantas roxas milimetricamente desenhadas e arbustos dispostos de forma geométrica ao longo da orla.

É interessante, as capivaras são animais que vivem às margens de rios e lagos. Essas margens, porém, não correspondem ao espaço que elas estão acostumadas, mas, se as pessoas acham tão incrível o fato de que capivaras estão se aproximando na quarentena, então porque será que não consideraram, no momento de fazer o jardim, a possibilidade de tornar aquele espaço compatível com a presença das capivaras? Parece evidente que animais de outras espécies como atrações turísticas, e não como seres com direito ao espaço, são bem-vindos. A ideia é apreciar a beleza desses animais (quando considerados belos) de forma verticalizada, turística. Cabe ressaltar que a receptividade se dá pelo fato dessa espécie não representar ameaça direta a vida das pessoas, essas que são culturalmente informadas que capivaras possuem comportamento dócil, são sociáveis, herbívoras e com hábitos noturnos, ou seja, sem risco de qualquer ataque para fim de predação ou disputa territorial.

Não há uma preocupação real com a interferência humana nos espaços e como esses espaços são hostis aos animais. Será que alguém pensou, por exemplo, se as plantas presentes nesse jardim são tóxicas para capivaras? Ou se há algum risco de qualquer outra ordem para elas na arquitetura do ambiente ou no espaço em si? Será que as pessoas só querem mesmo fotos e vídeos de animais fofos sem pagar a entrada do zoológico? E, caso apareça um animal selvagem esteticamente ou culturalmente indesejável, ele será considerado um problema?

O jornal online *Jornal do Comercio* noticiou:

Os relatos de visitas inesperadas - e muito bem-vindas - de animais são diversos, em todo mundo. Javalis foram avistados em Barcelona, na Espanha, e um puma selvagem desfilou pelas ruas vazias de Santiago, no Chile.³⁰

Fica a dúvida sobre qual centro urbano considera bem-vindo um puma ou javalis em seus espaços comuns. O que sabemos é que as pessoas tratam os animais de outras espécies como invasores e/ou como inimigos quando esses são considerados perigosos, pois de algum modo ameaçam a vida de determinados humanos que, no fim, será sempre o ponto único de interesse

Como a quarentena provavelmente vai durar pouco tempo e a espécie humana não vai modificar drasticamente seus hábitos em função da identificação dos malefícios que causam aos demais seres, nunca poderemos saber quais seriam os efeitos reais da ausência de seres humanos. Ou melhor, além do efeito óbvio, a recuperação das demais espécies, não teremos como saber de que forma isso se daria e em qual proporção.

Um dos comentários mais assustadores nessas reportagens, na matéria de Maria Lígia Barros, para o UOL,³¹ explica que uma das hipóteses levadas acerca das motivações para o repentino aparecimento dos animais e das plantas é, na verdade, o fato de que os seres humanos estão desocupados e por isso passaram a olhar ao redor e identificaram que tais seres sempre estiveram por ali. É chocante perceber que o domínio humano sobre o planeta é tamanho que alguns de nós, ou talvez todos nós, nos esqueçamos, em alguns momentos, que não vivemos sozinhos por aqui. Como animais e plantas de outras espécies dependem umas das outras, na medida em que os corais se regeneram atraem os moluscos e crustáceos para uma determinada praia e assim por diante (BARROS, 2020). Na mesma reportagem, o zoólogo Pedro Nunes, explica que essas não serão mudanças estruturais. Ou seja, não há qualquer certeza quando aos efeitos a longo prazo.

Ideias geniais para soluções sustentáveis que busquem respeitar alguma parcela da natureza em espaços urbanos existem há muito tempo. A quarentena tem escancarado a questão da urbanização e do antropocentrismo, mas esses não são temas novos. O que podemos fazer é aproveitar o fato político e a prova que a presença dessas espécies representa que algo precisa ser feito em nome da

preservação, para pressionar governantes e incentivar processos de conscientização da população.

Os biólogos afirmam que de fato alguns fenômenos naturais de escurecimento e clareamento das águas, por exemplo, não se relacionam com a presença x ausência de humanos, mas que, por outro lado, outros espaços como os centros das cidades que tinham um fluxo muito mais intenso de humanos e dejetos começam a apresentar melhoras em função da ausência de poluição sonora, de esgoto, de calor etc.³²

A pandemia da Covid-19 não vai durar para sempre. Certamente vai durar mais alguns meses ou anos. Será tempo suficiente para não exigir modificações drásticas no ambiente urbano, quanto a sua geografia cimentada. Suficiente também para matar indivíduos de outras espécies de fome, ou de tiros, uma vez que aqueles cidadãos de bem, em seus lares, aguardando o fim da pandemia podem, perfeitamente, colocar suas máscaras e, empunhando suas armas de fogo, irem às ruas conter a fantasiosa ameaça “da natureza”. Sabemos que nada parece realmente bom para animais de outras espécies.

O que podemos inferir? Se antes do Sars-Cov-2, a chacina de animais de outras espécies era uma atividade crescente, talvez agora, em plena crise, o que podemos afirmar é que esses sobreviventes de uma crise muito anterior (o desmatamento, a monocultura, a urbanização etc.), estão vulneráveis de novas formas.

Assim que passar a pandemia as atividades humanas tendem a ser retomadas e, com elas, a utilização do espaço urbano. A COVID-19 não trouxe consigo informativos sobre a importância da preservação ambiental, do respeito às outras espécies ou mesmo dos malefícios advindos da urbanização. Nada disso está, sequer, na pauta do dia dos grandes jornais. A relação direta e auto evidente entre pandemias em geral com a forma como a nossa espécie explora tudo e todos não está em discussão.

O que se espera é, em verdade, que tudo termine logo, que as cidades voltem a funcionar a todo vapor e que nada mais nos impeça de usufruirmos dos adventos da nossa racionalidade. Paradoxalmente, temos dificuldade de entender que a pandemia é também um advento da nossa racionalidade. Humanos – talvez por falta de crítica, de outras fontes de opiniões – preferem e sempre preferiram responsabilizarem-se por aquilo que fazem e que lhes gera orgulho. O resto costumam chamar de formas pejorativas variadas como alarmismos, teorias da

conspiração etc. Sabemos, porém, que não há “progresso” sem quebrar ovos, literalmente.

Queremos pensar sobre nossas ações? Queremos entender o que é uma pandemia? Podemos começar a estudar o que a academia chama de História. Ao que parece, trata-se de uma ciência inteiramente dedicada para mapear minuciosamente o dia a dia e a trajetória da maior pandemia que já acometeu a Terra, a pandemia de humanos, também autointitulada de humanidade.

De onde e para onde? A COVID-19 veio do morcego, do pangolim ou do glifosato?

O que sabemos sobre a COVID-19 ainda é muito pouco, mas já conhecemos a humanidade em sua versão capitalista e isso não vai mudar com a doença. Na era do plástico e da bomba atômica, esse imenso e pesado antropoceno, é certo afirmar que mais e mais pandemias são previsíveis e em alguma medida já podemos estimar de onde elas virão. Sabemos que pouco se fala sobre a origem das doenças e a relação do aumento delas com as transformações planetárias decorrentes das ações humanas; ou sobre a importância do combate ao consumo e produção de plásticos, gás natural, poluentes, agrotóxicos e transgênicos. Acima de tudo, o que menos se fala é sobre como o estilo de vida capitalista impede que tenhamos consciência sobre coisas bastante óbvias relativas à nossa pegada ecológica no planeta.

Estamos dentro de uma pandemia mundial. Historicamente é possível compreender que a ciência e a ficção sempre caminharam próximas. A ficção quase como uma futurologia precursora de catástrofes. A ficção, em filmes e livros de terror ou futuristas (distópicos ou utópicos), é como a conhecemos popularmente hoje, mas os registros sobre a arte da adivinhação – desde oráculos famosos, como o de Delfos, na Grécia Antiga, ou romances, mitos e lendas de todas as línguas e épocas – marcaram a história da humanidade mostrando que nunca houve um tempo sem futurologia.

Isso porque provavelmente a humanidade é capaz de compreender – ainda que parcamente – o sentido maior e mais complexo de suas atitudes. A pandemia que vivemos hoje foi anunciada de diversas formas, mas, literalmente, uma década atrás com a era dos seriados e filmes sobre zumbis, quando estes deixaram de ser provenientes de alterações mágicas ou divinas e passaram a ser de origem biológica.

Um vírus que acometeria toda a humanidade deixando imunes eventualmente – ou não – animais, plantas e o Matt Damon^f. São incontáveis os filmes, séries e livros que foram publicados sobre o tema com grande adesão popular. Nunca antes zumbis fizeram tanto sucesso.

Parece simples entender que todo o mundo compreende, ainda que subjetivamente e superficialmente, o processo de zumbização ao qual estamos submergindo. A população mundial estava à beira do colapso de saúde em decorrência do mau uso do planeta. Isso era um fato conhecido ainda que não soubéssemos exatamente o significado de nomes químicos como glifosato, 2,4-D, atrazina, dicloreto de paraquate, dióxido de enxofre, o ácido sulfídrico, os óxidos de nitrogênio, a amônia, o monóxido de carbono, o dióxido de carbono, o metano, os aldeídos, polietileno, polipropileno, politereftalato de etileno, nylon... a lista é infinita. Ou, que não conhecêssemos o Sars-Cov-2.

Todo mundo sabia que as coisas estavam ficando perigosas. Entretanto, o colapso da organização humana em função da pandemia da COVID-19, infelizmente, parece estar surtindo pouco efeito como ferramenta de conscientização planetária, talvez menos do que o *The Walking Dead* (2003), por exemplo. Viver uma pandemia viral proveniente de uma zoonose não parece ser suficiente para educar a população sobre o que devemos fazer para sobreviver enquanto espécie. Talvez porque não nos entendamos enquanto tal; ou porque não sejamos conscientes do que estamos enfrentando; mas também pode ser apenas porque não temos muita autonomia sobre nossas decisões.

Novas pandemias estão estourando a qualquer momento, assim como essa, mas pouco refletimos sobre o que fizemos para chegar até aqui. Dentre outras medidas, precisamos mudar a forma como concebemos a nossa relação com os animais de outras espécies. Os países, mesmo depois de alguns surtos de doenças que passam de animais de outras espécies para humanos (*spillover*), se mantiveram firmes na manutenção dos mercados de animais vivos, no consumo de animais em escala industrial, produção de plástico, de alimentos transgênicos e do uso de agrotóxicos, mesmo depois de diversas comprovações de tantas doenças e malefícios de toda ordem decorrentes desses elementos.

^f No filme *Contágio* (2011), o ator Matt Damon interpreta o personagem Mitch Emhoff, que é um homem branco estadunidense, padrão ouro de Hollywood. Curiosamente ele é naturalmente imune ao vírus que causa a pandemia.

O professor David Quammen, em entrevista a Diogo Sponchiato, para a revista *Veja*, explica:

[...] E o impacto na saúde e na mortalidade também pode ser devastador. Mas isso vai depender de: 1) o que os governos estão fazendo; 2) o que cada pessoa está fazendo; 3) como o vírus evolui ou não; 4) sorte. [...] uma coisa é certa: depois que essa crise finalmente for controlada, haverá outra. Após esse vírus, que sai de um animal selvagem e passa para a população humana, virá outro. Portanto, devemos usar esta crise, por mais que ela ainda se desenvolva, como uma lição para o futuro”, analisa o escritor.³³

A ONU anunciou que a quantidade de pessoas vivendo na miséria vai aumentar para 83 milhões de pessoas na América Latina e Caribe, em 2020, e vai mais do que dobrar em todo o mundo após a pandemia. Sem contar a quantidade de pessoas que não vai sequer resistir ao período da pandemia.^{34, 35} Uma imensa parcela da população pobre e miserável em contato com diversos poluentes das mais variadas fontes e com sistemas industriais complexos de adoecimento de animais e plantas parecem ser os ingredientes básicos de uma bomba-relógio.

O tempo da humanidade e o tempo do vírus

Haverá uma mudança drástica de hábitos em função da pandemia? As mudanças sociais raramente ocorrem de maneira abrupta, mesmo quando são necessárias. É mais fácil que boa parte da população venha a falecer do que os hábitos sejam transformados de forma repentina. As pessoas simplesmente não podem mudar seus hábitos porque há muito tempo essa deixou de ser uma decisão individual. A mudança de hábitos é uma decisão coletiva em que pesa muito a opinião das grandes marcas com grandes campanhas administradas feitas por investidores detentores daquelas fatias gordas das ações, das maiores multinacionais do mundo e dos países mais ricos e poluidores.

Ações individuais são sempre bem-vindas, certamente. Possuem pouco impacto, mas são significativas. Os movimentos sociais também possuem poder de ação lento e gradual. Observamos, nos últimos séculos, movimentações no sentido da conquista de um paradigma moral dos direitos humanos, por exemplo, decorrente de diversas manifestações de grupos com representatividade minoritária nas sociedades que, organizados, foram capazes de negociar certos limites da exploração estrutural. O processo de conscientização e de transformação estrutural, ou, ao

menos, de grandes mudanças legais e logísticas, novos paradigmas ambientais e afins é lento, mas possível e repercute em fatos materiais que levam décadas ou séculos para se concretizarem.

Enfim, é preocupante a situação global. Mais do que nunca. Apesar das notícias que parecem positivas como a diminuição de poluição atmosférica noticiada pela NASA;³⁶ diminuição do fluxo fluvial de barcos e outros meios de transporte aquáticos; diminuição da pesca; desaceleramento das indústrias; diminuição da poluição sonora; ar mais limpo pela ausência de carros e outros poluentes; diminuição dos tremores no solo causados pelos carros, indústrias e afins; melhora na temperatura das ilhas de calor que gera aproximação de pássaros, polinizadores etc.; diminuição das atividades extrativistas como petróleo, gás natural, minérios e outros.

A Amazônia, maior floresta do mundo, e as demais áreas florestais do país correspondem a 61% do território nacional. O Brasil é realmente uma região verde e azul já que a água doce que comporta corresponde a 12% de toda a água doce do mundo. Entretanto ao tratarmos sobre a pandemia da COVID-19 precisamos lembrar que a postura política adotada pelo Estado brasileiro o famoso *matar e deixar morrer* se aplica para toda a população pobre, para toda biodiversidade e para quaisquer grupos que interfiram nas trocas de favores políticos de compra e venda característicos de uma política de acordos e trocas de favores, a tradicional política da qual tanto se busca livrar a imagem do país.

A orientação política adotada pelo atual governo brasileiro, além do comprometimento com a troca de cargos e favores, representa um engajamento político explícito com o liberalismo em seu grau mais avassalador. O que se observa é o incentivo à grilagem, invasão de terras indígenas, poluição das águas, do solo e estímulo ao desmatamento. O contexto não era diferente antes da pandemia, o primeiro ano do governo do presidente Jair Messias Bolsonaro foi marcado pelos maiores índices de desmatamento e queimadas na história da Amazônia até aquela data, um episódio que ficou famoso foi a homenagem prestada ao presidente, por parte de fazendeiros no Pará, por meio do que chamaram de “O dia do fogo”. O evento foi uma queimada coletiva de diversas terras simultaneamente para subir uma fumaça e marcar presença dos fazendeiros favoráveis ao desmatamento, em agradecimento ao presidente por flexibilizar as leis, impedir as ações de multa a apreensão do IBAMA e outras atividades ligadas a manutenção e ampliação do poder desse setor, em

detrimento de incontáveis vidas inocentes animais de outras espécies, vegetais e humanas.

No Brasil, com a pandemia as atenções voltaram-se para a contenção do vírus, a busca pela garantia do auxílio emergencial, o isolamento social e outras consequências graves para famílias atingidas pelas mortes e contextos sociais precarizados. Nesse ínterim, ocorreram diversas tentativas de forçar leis que regularizam a grilagem e outros absurdos, com intuito de serem aprovadas em meio ao caos que impediria a articulação consistente dos opositores do governo.

Tudo isso demonstra que o caos é vantajoso para quem está no poder e desastroso, para quem já vive com pouca autonomia. Há, contudo, outro aspecto da questão.

A pandemia traz problemas para os ricos

Para as pessoas preocupadas com o planeta, com todas as espécies, com o equilíbrio dos ecossistemas e assim por diante a pandemia é só um grande agravo da situação drástica em que a humanidade colocou todo o mundo. Sabemos que espécies são extintas, ilhas de plástico são alimentadas todos os dias, poluentes liberados no solo, nos mares etc., doenças são proliferadas em função das desigualdades sociais, do descaso com o meio ambiente, há aumento da pobreza e da miséria, dos preconceitos e discriminações. Por qual motivo o cenário atual, da COVID-19, é mais preocupante do que o anterior?

Existem dois pontos fundamentais. O primeiro refere-se ao fato de que os agravos relativos à pandemia representam perdas muito mais expressivas para a população que já está em condição de vulnerabilidade. E o segundo, está ligado a uma questão de velocidade, ou melhor, de tempo. As grandes forças capitalistas se estruturaram ao redor do globo de forma complexa e intrincada, utilizando o tempo como principal ferramenta. A ideia de gerar mudanças terríveis de forma gradual é fundamental para garantir que as respostas do mundo e das populações sejam igualmente lentas. A pandemia tem um aspecto fundamental que é a impossibilidade dos sistemas dominantes, essencialmente as megacorporações, se adaptarem para preservarem suas margens de lucro e seu controle sobre o entorno. Assim, quando a pandemia exige, para a preservação do próprio sistema, que sejam interrompidos

diversos nichos econômicos e sociais, abruptamente, as empresas colapsam. Algumas se adaptam, outras não. Todas se desesperam.

O que resta são mentes inquietas tomadas de atitudes descontroladas. O caos é, acima de tudo, uma resposta da incapacidade de adaptação dessas forças produtivas. As grandes corporações estão acima de tudo e de todos e atingi-las é quase impossível. Quando a pandemia se instaura a vulnerabilidade acerta os sistemas de dominação e seus representantes, pouco habituados com esse conceito.

Se, por um lado, é verdade que cenários como o de pandemias, guerras e outras questões globais afetam de forma definidora o futuro, por outro, o anseio de parcelas insatisfeitas da população, para que o futuro seja melhor do que o passado e, para que a pandemia da COVID-19 seja esse divisor de águas, parece uma utopia pouco produtiva em termos políticos e estratégicos. Sabemos que algumas mudanças serão permanentes, sabemos que não temos como prever o futuro, mas sabemos também que parte da população não está diretamente interessada em mudar nada e não será obrigada a isso em função da COVID-19.

Em suma, estamos vivenciando muitas forças internacionais em colapso, brigas de interesses entre grandes corporações, choque entre Estados, mas isso não é o início de uma revolução vindoura, de uma tomada de poder por parte do povo. São momentos de ajustes do sistema capitalista que não indicam quebras estruturais, apenas a dança das cadeiras.

Bibliografia

1. Silva VU, Santos JL, Ramos PC. Chacinas e a politização das mortes no Brasil [livro eletrônico]. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2019. [pp. 5,12] Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Chacinas-politizacao-das-mortes.pdf
2. China abate 22 mil aves após identificar surto de gripe aviária em Hunan. UOL. 03/02/2020; Saúde. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/02/03/china-abate-22-mil-aves-apos-identificar-surto-de-gripe-aviaria-em-hunan.htm>
3. Vietnã abate mais de 20 mil aves para conter Influenza Aviária. Notícias Agrícolas. 13/02/2020; Granjeiros. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/granjeiros/252229-vietna-abate-mais-de-20-mil-aves-para-conter-influenza-aviaria.html#.Xugv7EVKiUk>
4. Ristow LE, Carvalho OV, Gebara RR. COVID-19 in felines, their role in human health and possible implications for their guardians and health surveillance. *Epidemiol. Serv. Saúde* [Internet]. 2020 [citado 2020 Jun 15]; 29(2): e2020228. [p. 2] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200904&lng=pt
5. ONG alerta para aumento de abandono de animais durante pandemia. *Catraca Livre*. 14/02/2020; Cidadania. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/ong-alerta-para-aumento-de-abandono-de-animais-durante-pandemia/>
6. Lobo. O abandono de animais em tempos de pandemia. *Revista Clínica Veterinária*. 08/05/2020; Mundo pet. Disponível em: <https://revistaclinicaveterinaria.com.br/blog/abandono-animais-tempos-pandemia/>
7. Paiva D. Prefeitura de Belo Horizonte e ONGs alertam para aumento de abandono de animais durante a pandemia. *G1*. 21/05/2020; Minas Gerais. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/21/prefeitura-de-belo-horizonte-e-ongs-alertam-para-aumento-de-abandono-de-animais-durante-a-pandemia.ghtml>
8. Ristow LE, Carvalho OV, Gebara RR. *Op. Cit.* p.2
9. Nº de animais abandonados ou vítimas de maus tratos aumenta em Salvador após pandemia da Covid-19. *G1*. 25/04/2020; Bahia. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/04/25/no-de-animais-abandonados-ou-vitimas-de-maus-tratos-aumenta-em-salvador-apos-pandemia-da-covid-19.ghtml>
10. Leles L. Por conta da pandemia da Covid-19, cresce o número de animais abandonados; lotação é registrada na APA em Uberlândia. *G1*. 02/05/2020; Triângulo e Alto Paraíba. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/vida-em-casa/noticia/2020/05/02/por-counta-da-pandemia-da-covid-19-cresce-o-numero-de-animais-abandonados-lotacao-e-registrada-na-apa-em-uberlandia.ghtml>
11. Amorim G. Coronavírus: abandono de animais em Salvador cresce 860%. 21/04/2020; Coronavírus. Disponível em:

- <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/coronavirus-abandono-de-animais-em-salvador-cresce-860/>
12. Abandono de animais preocupa em meio à pandemia. Universidade Federal do Cariri [site institucional]. 25/03/2020; COVID-19. Disponível em: <https://www.ufca.edu.br/noticias/abandono-de-animais-preocupa-em-meio-a-pandemia/>
 13. Guedes I. Maus-tratos e abandono de animais de estimação crescem com a pandemia. 05/04/2020; Efeito COVID-19. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/maus-tratos-e-abandono-de-animais-de-estimacao-crescem-com-pandemia>
 14. Da-Silva ER, Coelho LBN. Sobre incursões da fauna silvestre a áreas urbanas durante a pandemia do novo coronavírus. *A Bruxa*. 01/04/2020; v. 4, n. 2, p. 1-13 [p. 10] Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340378594_Sobre_incursoes_da_fauna_silvestre_a_areas_urbanas_durante_a_pandemia_do_novo_coronavirus
 15. Quarentena faz crescer número de adoções e esvazia abrigos de animais nos EUA. *G1*. 22/04/2020; *Coronavírus*. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/22/quarentena-esvazia-abrigos-de-animais-nos-eua.ghtml>
 16. Com quarentena, cães e gatos para adoção se esgotam em abrigos nos EUA. *O Globo*. 26/03/2020; *Sociedade - #tamojunto*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/tamojunto/com-quarentena-caes-gatos-para-adocao-se-esgotam-em-abrigos-nos-eua-24328769>
 17. Dias M. Fechamento de frigoríficos nos EUA gera abate de animais por asfixia, afogamento e tiro. 19/05/2020; *Mercado*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/fechamento-de-frigorificos-nos-eua-gera-abate-de-animais-por-asfixia-afogamento-e-tiro.shtml>
 18. Viana C. Olhares sobre a Covid-19, Marco Zero | relato 7: Portugal. 05/06/2020; *Fotografia*. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/fotografia/olhares-sobre-covid-marco-zero-portugal>
 19. Itan B. Fotografar, vai além do clicar. Usar a criatividade, dá vida as imagens. *Rede social Instagram*. 14/06/2020; [perfil profissional]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBVIFb8pX2H/>
 20. Rocha L. Vídeo: Natureza retoma espaço durante a pandemia de COVID-19. *Estado de Minas*. 27/04/2020; *Internacional - Animais*. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/27/interna_internacional,1142282/video-natureza-retoma-espaco-durante-a-pandemia-de-covid-19.shtml
 21. Sandin C. Porque animais estão invadindo as cidades durante a quarentena? R7. 24/04/2020; Tecnologia e Ciência. Disponível em: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/por-que-animais-estao-invadindo-as-cidades-durante-quarentena-24042020>
 22. Imagens: Quando os animais invadem os espaços urbanos, no meio da pandemia. UOL. 14/04/2020; Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/04/14/imagens--quando-os-animais-invadem-os-espacos-urbanos-no-meio-da-pandemia.htm>
 23. Lopes L. Quarentena: com população em casa, animais aparecem com mais frequência pela cidade. O Globo. 20/05/2020; Rio. Disponível em:

- <https://oglobo.globo.com/rio/quarentena-com-populacao-em-casa-animais-aparecem-com-mais-frequencia-pela-cidade-24436472>
24. Lima L. Isolamento social: sem humanos por perto, tubarões circulam 'mais à vontade' na costa do Rio. O Globo. 13/05/2020; Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/isolamento-social-sem-humanos-por-perto-tubaroes-circulam-mais-vontade-na-costa-do-rio-24425568>
 25. Altino L. Tubarão-baleia é filmado por pescadores em Niterói. O Globo. 01/05/2020; Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/tubarao-baleia-filmado-por-pescadores-em-niteroi-24406197>
 26. Barros ML. Natureza mais cheia de vida. Jornal do Comercio PE. 03/05/2020; Cidades. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/03-05-2020%20-%20Natureza%20mais%20cheia%20de%20vida%20-%20Jornal%20do%20Comercio.pdf>
 27. Benetta CD. "No Dia Internacional da Terra, coronavírus foi o melhor presente pra natureza. H2Foz. 22/04/2020; Opinião. Disponível em: <https://www.h2foz.com.br/noticia/no-dia-internacional-da-terra-coronavirus-foi-o-melhor-presente-para-natureza>
 28. Em meio à pandemia, capivaras retomam as margens do Capibaribe. Diário de Pernambuco. 29/04/2020; Notícia de local. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/04/em-meio-a-pandemia-capivaras-retomam-margens-do-capibaribe.html>
 29. Diário de Pernambuco. *Op. Cit.*
 30. Barros ML. Animais se reaproximam de centros urbanos, e natureza dá sinais de recuperação durante quarentena do coronavírus. Jornal do Comercio PE. 28/04/2020; Meio ambiente. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2020/04/5607432-animais-se-reaproximam-de-centros-urbanos-e-natureza-da-sinais-de-recuperacao-durante-quarentena-do-coronavirus.html>
 31. Barros ML. *Op. Cit.*
 32. Conheça os efeitos da pandemia na recuperação do meio ambiente. Sem Censura. 20/04/2020; No ar em. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/sem-censura/2020/04/conheca-os-efeitos-da-pandemia-na-recuperacao-do-meio-ambiente>
 33. Quammen D *apud* Sponchiato D. Coronavírus: como a pandemia nasceu de uma zoonose. Veja saúde. 20/03/2020; Medicina. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-pandemia-zoonose/>
 34. 'Tsunami da miséria': coronavírus pode empurrar meio bilhão para a pobreza. UOL. 09/04/2020; Economia. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/04/09/tsunami-da-miseria-coronavirus-pode-empurrar-meio-bilhao-para-pobreza.htm>
 35. Extrema pobreza deve atingir 83 milhões de pessoas na América Latina e Caribe em 2020. Nações Unidas Brasil. 16/06/2020; Desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/extrema-pobreza-deve-atingir-83-milhoes-de-pessoas-na-america-latina-e-caribe-em-2020/>
 36. Martins T. Nasa mostra queda na poluição chinesa durante epidemia de coronavírus. Correio Braziliense. 06/03/2020; Ciência e Saúde. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2020/03/06/interna_ciencia_saude,832563/nasa-mostra-queda-na-poluicao-chinesa-durante-epidemia-de-coronavirus.shtml